

(Página deixada propositadamente em branco)

INTRODUÇÃO GERAL

E, por isso, parece bem aprovar a frase de Bias – que o poder revelará o homem; porque o governante na sociedade está em relação com o semelhante.

Aristóteles, *Ética a Nicómaco* (1130a 1)

O que têm, na verdade, Péricles e Fábio Máximo em comum? Assim questionou K. Zeigler¹ (1951: 899), editor das *Vidas Paralelas* de Plutarco. Com efeito, enquanto o primeiro (495/90-429 a.C.) era líder democrático quando Atenas conhecia um tempo áureo e o imperialismo grego estava no apogeu, Fábio Máximo (ca. 283?-203 a.C.), representante da antiga aristocracia, foi eleito *dictator* e cinco vezes côsul, numa altura em que Roma enfrentava a sua maior crise de sempre. A influência do político ateniense foi tal que deu nome ao período em que viveu, também designado de *século de Péricles*, enquanto o ditador romano recebeu a alcunha de *cuntactor*, “o temporizador” pela tática de batalha campal usada contra os Cartagineses.

¹ “Was haben...Perikles und Fabius Maximus... in Wahrheit miteinander gemein?”. A mesma questão é alargada a outros pares de *Vidas*, como Aristides-Catão o Antigo e Timoleonte-Emílio Paulo. CRESPO (2007: 313) partilha do mesmo ponto de vista, ao sustentar que “Plutarco (...) quedó prisionero de su propio método.”

Assim, perante esta disparidade é verosímil concluir que Péricles fica visivelmente engrandecido face ao segundo elemento, não parecendo possível estabelecer um paralelo justo.

Observemos, contudo, o objectivo deste método comparativo das *Vidas* expresso no proémio do opúsculo plutarquiano *A Coragem das Mulheres* (243b):

Não é, decerto, possível apreender melhor a similaridade e a diferença (...) de um outro modo que não seja através do confronto de vidas com vidas, feitos com feitos (...). De facto, as virtudes adquirem certas diferenças, graças à sua natureza, como se se tratasse de um cromatismo próprio, e assumem semelhanças por via dos costumes em que se radicam, do temperamento das pessoas, da sua criação e modo de vida. Por exemplo, Aquiles era corajoso de um modo diferente de Ájax².

Apesar de esta observação se aplicar ao confronto entre virtudes masculinas e femininas, também se adequa ao caso das *Vidas Paralelas*, pois as qualidades revelam-se na comunidade, na relação com o semelhante e numa circunstância concreta. Assim, a acção deve ser avaliada neste enquadramento, considerando as variáveis que lhe são relativas. No epílogo das *Vidas*, que corresponde à comparação (*synkrisis*) dos dois heróis, o biógrafo evidencia as virtudes e defeitos de ambos e observa

² Tradução de FIALHO, DIAS, SILVA (2001: 15).

Por um lado, Péricles governou um povo que se encontrava na maior prosperidade, muito grande por si mesmo e no cume do poder, pelo que podia parecer que se manteve até ao final seguro e intacto devido ao bem-estar comum e à força do Estado. As acções de Fábio, por outro lado, que recebeu a cidade nas circunstâncias de maior infortúnio e mais lamentáveis, não puderam garantir a segurança, mas soube erguer a cidade a partir da desgraça e melhorar a sua situação (Fab. 28.1).

Assim, do ponto de vista militar, enquanto Péricles ergueu nove troféus dedicando-se, depois, mais a festas e reuniões públicas solenes do que a fazer guerra, Fábio, por sua vez, ergueu apenas dois, mas revelou-se homem de firme decisão tendo em conta os flagelos que então se abateram sobre os Romanos.

Além do facto histórico, também a própria estrutura narrativa de cada vida é diferente. Na *Vida* de Péricles, o biógrafo apresenta o percurso completo desde a infância até à morte, dedicando muita atenção à primeira fase (3-8), onde relata as origens da personagem, a caracterização física e psicológica e a formação e iniciação na vida pública; num segundo momento (9-37), a ascensão, apogeu e decadência no poder e finalmente, na terceira e última parte (38-39), são descritas as circunstâncias da morte, as exéquias e o impacto do desaparecimento do protagonista na comunidade. Na biografia do general romano, num capítulo apenas, são apresentados os dados relativos à filiação, infância e juventude. No capítulo segundo, a narrativa começa quando Fábio tinha já uma idade

avançada, em 217 a.C., por altura do desastre da batalha do Trasimeno, deixando em branco mais de metade desta vida. Depois desta derrota, nesse mesmo ano é eleito *dictator* – altura em que a *Vida* atinge o ponto mais épico –, seguindo-se um relato sumário dos anos seguintes. Três anos depois, Fábio Máximo recupera Tarento (214 a.C.) e, nesse ano, terminaram os seus sucessos militares. Na recta final da biografia, tem lugar a ascensão de Cipião que expulsará definitivamente os Cartagineses de Itália, pondo termo à Segunda Guerra Púnica (218-201 a.C.). Assim, enquanto o primeiro conquista o estado de maturidade moral no final da vida, nos primeiros anos da Guerra do Peloponeso, Fábio conhece-o logo no início da *Vida* (2), tendo em conta a sua idade.

O que justifica, afinal, a comparação entre os dois estadistas?³ Em primeiro lugar, vários traços de carácter os aproximam: o domínio invulgar da oratória, isenta de ornamento (5.1; 1.8); a forma de caminhar, tranquila (5.1; 17.7); o não serem supersticiosos, não se

³ Pietro Vannucci ou *Perugino* (1446–1524), conhecido pintor da Renascença italiana, é autor de dois frescos (1496-1507) da Sala de Audiência do Colégio de Cambio (Perugia) onde aparecem estas duas figuras. No primeiro é representado Fábio Máximo ao lado de Sócrates e Numa Pompílio, pairando sobre eles a virtude Prudência, enquanto que, no segundo painel, Péricles surge entre Cipião e Cincinato e sobre este grupo aparece a virtude Fortaleza. Com efeito, dificilmente um historiador ou um artista encontraria paralelos entre estas duas vidas, pelo que este paralelo não terá firmado uma tradição. Enquanto que um é modelo de fortaleza moral e política, o outro é o primeiro na prudência. Cf. CRESPO (42007: 313), GUERRINI (1991b: 305 sqq).

deixando, por isso, surpreender por fenómenos irracionais (6.1; 2.3); o facto de, durante a invasão inimiga, as propriedades de ambos terem sido poupadas enquanto as restantes foram destruídas (33.3; 7.4).

Do ponto de vista político, destacamos a ênfase na autoridade de um só homem que, no caso de Péricles durou quase toda a vida, originando a comparação com o tirano Pisístrato⁴, tanto pela voz como pela agilidade no discurso (7.1) – estas semelhanças valeram-lhe comentários jocosos por parte dos cómicos (16.1). Já a ditadura⁵ do general

⁴ Em 560 a. C., Pisístrato (600-527 a. C.), toma o poder pela força e conserva-o quase ininterruptamente até ao fim da sua vida. O seu governo, bem como o dos filhos constituiu um período de grande florescimento em Atenas, pois foi nesta altura que se construíram várias obras públicas que prestigiaram a cidade: o templo de Atena, na Acrópole, o altar dos Doze Deuses na ágora, o santuário de Zeus Eleutério, no sudeste da cidade e a Fonte das Nove Bocas, que garantia o abastecimento de água. Durante a tirania dos Pisístratos, a cerâmica ática atingiu o seu apogeu e fomentou-se o culto de Atena e Dioniso através da importância dada às Panateneias e do aparecimento dos concursos trágicos, respectivamente. Após a morte de Pisístrato, o comportamento dos seus filhos tornou-se excessivo, pelo que gerou o descontentamento dos Atenienses e a tirania acabou por ser abolida pelos Alcmeónidas.

⁵ Magistratura romana à qual se recorria em situações de crise militar e política, atribuída por um magistrado com *imperium* (cônsul, pretor ou *interrex*) previamente autorizado pelo Senado, tratando-se, por isso, de uma nomeação e não de uma eleição. Além deste, também se podia recorrer ao voto popular, mas era invulgar. Esta magistratura terminava ao fim de seis meses (Cícero, *As Leis* 3.9; Tito Lívio 3.29.7) e, durante este período, o ditador detinha o poder absoluto, tendo a seu cargo o comando unificado do exército em caso de guerra (*dictatura rei gerendae*), o dever de refrear revoltas (*dictatura seditionis sedandae*) e de garantir a realização de eleições, na ausência de cônsules (*Fab.* 9.4), não podendo alterar a constituição vigente. Após a sua eleição, o *dictator* ou *magister populi* (“mestre do exército dos cidadãos”) deveria também ele próprio

romano terminou ao fim de seis meses, mas continuou, na qualidade de cônsul (214 e 209 a.C.), a determinar os destinos do povo romano, controlando directamente decisões do Senado (17.7), seja quando procurou evitar a derrota de Canas, dissuadindo Paulo Emílio da investida (14.4), seja quando tentou travar a ascensão de Cipião, querendo convencer Licínio Crasso da incompetência daquele (25.3). Além disso, os cargos que lhe foram atribuídos entretanto – *princeps senatus* (209 e 204 a.C.), o de áugure (desde 265 a.C.) e *pontifex maximus* (216 a.C.) – permitiram-lhe

nomear um subordinado, o *magister equitum*, o chefe de cavalaria. Contudo, como se tratava de uma nomeação para resolver uma questão objectiva, estas magistraturas duravam o menor tempo possível, havendo mesmo relatos de *dictatores* que abdicaram antes que completar os seis meses (Tito Lívio 3.29.7; 9.34.12; 23.22.11 e 23.3). Os anais da história da República Romana atestam o recurso frequente a esta magistratura até ao final do século III a.C., não sendo conhecido nenhum exemplo ao longo do século II a.C. Reapareceu de forma ostensiva em 81 a.C., com Sula, que sendo nomeado *dictator rei publicae constituendae causae*, torna-se ditador vitalício até 79 a.C., data da sua morte (Apiano, *Guerras Civis* 1.3.10) – tendo abdicado, contudo, pouco antes de morrer. Mais tarde, Júlio César, depois de cinco consulados (59, 48, 46, 45, 44 a.C.) e de três magistraturas na qualidade *dictator* (49, 48, 44 a.C.), converte esta última em perpétua (Apiano, *Guerras Civis* 1.98.459). É assassinado a 15 de Março desse mesmo ano. Sobre esta magistratura na República Romana, vide o estudo LINTOTT (2003: 109-13). O conceito de ditadura romana é, com efeito, diverso daquele que se vulgarizou entre nós desde o início do século XX, com o estabelecimento de Estados autoritários e totalitários. Em 1921, o constitucionalista alemão Carl Schmitt (1888-1985) estabeleceu a distinção entre “ditadura de comissário”, que parte da concepção de magistratura romana exposta em Tito Lívio – e a “ditadura soberana” que legitima, do ponto de vista jurídico e com fundamento teológico, a ordem “nova” ditatorial que é dotada de uma constituição própria (*La Dictature*, Paris, 2000, pp. 23-56, 135-54).

construir uma *auctoritas* invulgar. No âmbito militar, há também um traço que aproxima estes dois políticos: a tática defensiva face à invasão espartana e cartaginesa, respectivamente. Péricles optou por não envolver a cidade num combate contra sessenta mil hoplitas do Peloponeso e da Beócia, apesar da indignação do povo (33.5), mas não evitou a Guerra do Peloponeso por não ter revogado o decreto de Mégara (29.1). Fábio, por sua vez, resistiu à invasão cartaginesa, sem atacar, enquanto o inimigo esgotava, pouco a pouco, os seus recursos (5.3). No caso deste último, a estratégia manchou o seu *estado de graça* político, pois a população não via com bons olhos o avanço do inimigo e a destruição das propriedades dos agricultores face à aparente passividade do ditador. O traço anti-populista constitui também uma das características de Péricles (7.3) que deixava transparecer pelo aspecto fisionómico, ostentando um rosto austero, um discurso de mau tom, embora ágil (5.1), que se assemelhava ao de Pisístrato; a arrogância (39.2) que foi comentada pelo poeta Íon (5.3), ao ponto de a morte dos seus filhos legítimos, familiares e amigos ser vista como um castigo (37.5); o carácter aristocrático da sua democracia (9.1). O seu par romano, por sua vez, partilhava também deste mesmo traço (10.3), a julgar pelas ostentações de poder durante a ditadura (4.2-3) e pelas observações do biógrafo (10.3)⁶.

⁶ A propósito das referências ao povo nas *Vidas Paralelas*, vide o interessante estudo de SAÏD (2004:10) que reflecte sobre a forma como Plutarco se refere à psicologia da multidão: “the masses are more often than not characterized in a very negative way. As opposed to the members of the elite, the masses are said to be lazy (ἀργός, σκολαστής), ignorant (ἄμαθεῖς) and uneducated (τοὺς...φορτικούς και πένητας)”.

Esta resistência ao populismo não ofuscava, contudo, o pragmatismo político destes dois estadistas, que, em certos momentos, tiraram partido da irreflexão do povo. Péricles, querendo conquistar um poder sólido, aliou-se ao povo (11.1) e tomou as suas rédeas, levando a cabo medidas políticas a seu favor “imaginando constantemente na cidade um espectáculo para todos ou um banquete ou uma procissão, e procurando diverti-la com prazeres não estranhos às musas” (11.4). Assim, não só distraía a multidão que, ociosa, “se intrometia nas reformas políticas”, mas gerava também, junto aos aliados, o medo da revolta (11.6)⁷.

Do mesmo modo, Fábio procura influenciar a população por meio de movimentações de aparência. Em 217 a.C., a sua reforma como *dictator* começa por recuperar o sentido religioso no povo. Com efeito, era forçoso tornar propícios os deuses, já que Fábio a todos informou que a derrota se devera ao desprezo dos generais pelos deuses (4.4). Contudo, quando estes se manifestaram, pouco antes, sob a forma de sinais, o próprio Fábio tratou de os ignorar (2.3). Mais tarde, propôs também ao Senado que se eliminasse os lamentos femininos, proibindo ajuntamentos públicos para manifestar as desgraças em comum (17.7), mas que se evidenciasse a grandeza do desastre de Canas com a fraca concorrência às celebrações da deusa Ceres (18.2). Ambos partilhavam também do sentido de grandeza (*megaloprepeia*) a liberalidade com investiam

⁷ Vide ainda *Per.* 7.3-5.

dinheiro em eventos e obras públicas, algo elogiado por Aristóteles na *Ética a Nicómaco* (1122b7-9)⁸. Péricles, contudo, manifestou esta característica de forma mais expressiva (14.1) tendo em conta o seu volume de investimento em obras públicas (13-14; 30.7); Fábio, por sua vez, querendo recuperar a confiança da população, promoveu espectáculos musicais e cénicos depois do desastre do Trasimeno (4.6) e, na celebração da tomada de Tarento (22.8), erigiu uma estátua equestre em bronze de si mesmo, visto como algo “muito extravagante” (*atopoteros*).

Além destas semelhanças evidenciadas pelo biógrafo, há que destacar aquela que é mais importante, pois nela consiste o programa moral deste par de *Vidas*, Plutarco refere-a no próêmio⁹ da *Vida* de Péricles (2.5):

Eram estes homens semelhantes em diversas qualidades, principalmente na doçura (praotes), no sentido de justiça (dikaiosyne) e na capacidade de controlar a imponderação (agnomosyne) dos cidadãos e dos seus colegas, tornando-se muito úteis às suas pátrias.

⁸ Na *Ética a Nicómano*, Aristóteles elogia também este traço: “O magnificante gastará com coisas deste género com nobreza de carácter. Com efeito, a magnificência é um traço comum a todas as excelências. Além do mais, fá-lo com prazer e profusamente, pois o contar tostão por tostão é mesquinhez.” Tradução de CAEIRO (2009: 99).

⁹ Os próêmios, à semelhança das *synkriseis*, eram exercícios de retórica. De acordo com essa tradição tinham como objectivo cativar o auditório e criar empatia entre este e o orador, despertando naquele o desejo de aprender com o discurso apresentado. De modo a cumprir esse propósito, Plutarco combinava a sua mensagem com recursos de retórica como as *chreiai*, as *gnomai*, comparações e digressões, de que este próêmio é exemplo.

Com efeito, tal é mesmo confirmado do ponto de vista quantitativo, pois este é o par de *Vidas* onde o termo *praotes*¹⁰ bem como os seus correlatos surgem mais do que em qualquer outra obra, mais precisamente, dezasseis vezes¹¹. A qualidade da *praotes* consta em ambas as caracterizações directas destas figuras (5.1, 1.5) e no caso de Fáblio, surge, pela primeira vez, quando era ainda uma criança. Em ambos os estadistas é apresentada como uma tendência da natureza (*physis*), mas os seus efeitos ampliam-se na esfera pública, convertendo-se, por isso, num valor político que marcará a conduta de ambos. A tradução mais próxima é “doçura” ou “moderação” e aparece conceptualizada na *Ética a Nicómaco* como a disposição intermédia entre os extremos, o irascível e a incapacidade de se irar, o seu oposto, por defeito (1108a 6, 1125b 26). Com efeito, o “doce” ou “moderado” de carácter (*praos*) permanece imperturbável e é arrastado pela emoção (1126a 1). Este valor surge muitas vezes em oposição à crueldade, violência ou tirania, expressões de excessos, do extremo irascível.

A propósito deste valor, conclui Aristóteles na mesma obra:

Difícil de distinguir é também até que ponto alguém se irrita correctamente e para lá do qual está a errar. (...)

¹⁰ Sobre a definição deste termo e seu sentido ético, vide o conhecido estudo de DE ROMILLY (1979).

¹¹ STADTER (1975: 82 n.18). Sobre o conceito de *praotes* nas *Vidas* de Plutarco, vide o texto de MARTIN JR. (1960). Este valor de “doçura” pode ser expresso em grego pelo termo *praotes*, por *epieikeia*, “indulgência” ou por *philanthropia*, “humanidade”. RIBEIRO FERREIRA (2008b) 112; idem (2008a).

*Uma tal avaliação só pode ser feita pela percepção que se tem das circunstâncias particulares que de cada vez se constituem*¹². (1126a 34, 1126b 4)

Estas “circunstâncias particulares” proporcionam-se, com efeito, diversas vezes ao longo das duas *Vidas*. Esta tendência da *physis* manifesta-se em Péricles na maneira de andar (5.1), no facto de não ter prejudicado Címon (10.6), no trato humano (5.2) e em diversas decisões políticas (30.3; 32.3; 39.1). No caso do par romano, tal virtude é conhecida em Fábio desde a infância, na forma de caminhar (17.7) no convívio (1.5; 17.7), em campanha militar (7.8; 20), na cena política (18.4) e ainda na morte dos filhos que suporta com tranquilidade (24.6), tal como Péricles (36.8).

A verdade é que ambos suportaram, com paciência e em silêncio, as maledicências da população (*Per.* 5.2, 33.6-7; *Fab.* 5.3, 7.7, 10.2-3), dos seus pares (*Per.* 34.1; *Fab.* 5.5; 7.5), dos cómicos, no caso de Péricles (33.7); aconselharam prudência aos colegas (*Per.* 18.2; *Fab.* 2.4, 10.7, 14.4, 25.3) e, neste ponto, destacamos a célebre façanha de Fábio, quando enfrenta o exército de Aníbal para salvar Minúcio Rufo, o mesmo que, pouco antes, o tinha humilhado publicamente (12.5; 29.2).

O facto de permanecerem firmes nas suas resoluções converte-os em valores seguros e credíveis para a população. Com efeito, enquanto Péricles é

¹² Tradução de CAEIRO (32009: 109-10).

comparado a um médico – símile recorrente em Platão¹³ –, que cura as doenças da alma, acalma e encoraja o povo (*Per.* 37.1); o par romano é, por sua vez, comparado a um “templo” e a um “altar”, junto do qual a multidão se refugia em tempo de crise.

Em suma, Plutarco apresenta-nos uma diversidade de “circunstâncias”, perante as quais o ouvinte destas *Vidas* pôde fazer justa avaliação e “distinguir” os limites de cada acção, “de forma a servir de exemplo [*apodeixis*] aos filósofos” (*Fab.* 10.2).

Com efeito, como consta no proémio destas *Vidas* (*Per.* 1.2), é intrínseco ao espírito o desejo de aprender e observar, pelo que se deve buscar o melhor para contemplar, ou seja, a prática do bem¹⁴. A contemplação do homem-modelo em acção conduz necessariamente à imitação, e à prática de actos virtuosos de forma a conquistar as mesmas benesses da fortuna. Com efeito, o Bem (*kalon*) cria um estímulo activo¹⁵ para aquele que contempla a sua expressão, a acção nobre, que serve de *exemplum*, neste caso,

¹³ *Górgias* 456b, *Fedro* 270b-d, *República* 425a-426b.

¹⁴ Observação semelhante é proferida por T. Carlyle (1795-1881), historiador e filósofo escocês, na conferência *On Heroes*, da qual extraímos um excerto: “Não podemos olhar para um homem superior, ainda que o consideremos imperfeitamente, sem ganhar algum benefício com tal contemplação. Um homem superior é sempre fonte de viva luz, junto da qual é aprazível estar. Luz que ainda nos ilumina (...) fonte de cuja radiação todas as almas se iluminam e aquecem pelo que junto dela se sentem bem.” Traduzido por RIBEIRO (2002: 15-6).

¹⁵ Cf. Platão, *O Banquete* 208-212 e *Fedro* 250 sqq.